

## ***E-book*, um produto da cibercultura – o início de uma transformação para indústria do livro<sup>1</sup>**

Carmem Prata<sup>2</sup>

Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ)

### **Resumo**

O tema das tecnologias da comunicação e o desenvolvimento atual das mídias digitais abre um leque de questões para o entendimento das indústrias culturais em uma perspectiva contemporânea. Produção, armazenamento, distribuição e consumo cultural já não obedecem unicamente à lógica massiva. A indústria editorial, em particular, encontra nas novas tecnologias digitais a tarefa de criar conteúdo, o que altera não apenas as estruturas de impressão e distribuição, em parte já assimilaram tecnologias avançadas, mas os processos de criação e de tratamento do texto. Este artigo vai pensar o *e-book* como produto de uma transformação ainda em curso, a partir de vertentes históricas.

**Palavras-chave:** 1. Cibercultura ou cultura digital. 2. Indústria editorial; 3. *E-book*

### **Introdução**

O tema das tecnologias da comunicação e o desenvolvimento atual das mídias digitais abre um leque de questões para o entendimento das produções culturais em uma perspectiva contemporânea. Produção, armazenamento, distribuição e consumo já não obedecem unicamente à lógica massiva. O campo da comunicação e da cultura passam por transformações estratégicas.

A técnica é transformada sistematicamente em consequência de novas correntes culturais, as receptivas e as não receptivas, a exemplo do já clássico caso da música, no qual nem todo o aparato da indústria fonográfica interrompeu o processo de distribuição digital ou impediu as redes P2P (do inglês *peer to peer*, traduzido como entre pares). Pelo contrário, incentivou e continua incentivando novos modelos de distribuição, gerando novos modos de ouvir a música.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho \_\_\_\_\_, do VIII Simpósio Nacional da ABCiber, realizado pelo ESPM Media Lab, nos dias 03, 04 e 05 de dezembro de 2014, na ESPM, SP.

<sup>2</sup> Mestranda do PPGCOM-UERJ. Integrante dos grupo Livros e Cultura Letrada, do laboratório de Pesquisas em Tecnologias de Comunicação, Cultura e Subjetividade (Lets)Email: cprata6@gmail.com.

As novas tecnologias contornam o debate sobre as produções culturais a partir das várias plataformas de comunicação absorvidas pela sociedade. Nesse campo de disputa hegemônica articulam-se de um lado as experiências entusiastas promovidas pela cibercultura ou cultura digital (LÉVY, 1999; LEMOS, 2007; SAVAZONI e COHN, 2009); de outro, os estudos que analisam os esforços empreendidos pela indústria cultural para incorporar seu conteúdo às novas linhas de um complexo sistema midiático (PRIMO, 2013).

No país vocacionado pela miscigenação, discutida nos estudos sociais pautados por Gilberto Freire (1933); pelo movimento antropofágico, de recombinação cultural, promovido por Oswald de Andrade (1928); e pelas abordagens tropicalistas (1968), sobre o rompimento de fronteiras pela via da experimentação, a cibercultura encontra no Brasil um terreno fértil. Reproduz-se não só quantitativamente<sup>3</sup>, como também é brindada com o reconhecimento, por parte do governo na primeira década dos anos 2000, na forma de políticas públicas comprometidas com a temática.

Nesse contexto, assistimos ao início de um processo de reconfiguração da indústria editorial, uma das últimas, senão a última, das indústrias culturais a sofrer a influência da digitalização, assim como a música, o cinema e a televisão experimentaram. Visto que, de forma mais ampla, a indústria editorial é composta também pela publicação de conteúdos em jornais, revistas, entre outros produtos que já utilizam *e-readers*, *tablets* ou *smartphones* como suportes de leitura, considera-se aqui apenas a indústria editorial do livro no Brasil.

Se a tecnologia nada mais é do que o resultado de pesquisas com motivações econômicas, políticas, sociais e culturais, diante do uso progressivo das mídias digitais, torna-se necessária uma investigação continuada dos processos contemporâneos de comunicação. A seguir, algumas considerações são trazidas para tentar clarear as bases das transformações percebidas em situações comunicacionais do nosso tempo.

Veiculada em plataformas digitais, a informação é compartilhada hoje por diferente grupos de interesse. Hoje, a sociedade tem à disposição uma dezena de

---

<sup>3</sup> Com números divulgados pelo Cetic.br, disponível em [http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC\\_DOM\\_EMP\\_2013\\_livro\\_eletronico.pdf](http://www.cetic.br/media/docs/publicacoes/2/TIC_DOM_EMP_2013_livro_eletronico.pdf). Acesso em 09/10/2014.

aplicativos (os chamados apps) que reforçam a prática da comunicação instantânea. As habilidades adquiridas nesses circuitos comunicacionais apresentam implicações consideráveis no modo como os jovens aprendem, trabalham, participam de processos sociais, políticos etc.

Até o desenvolvimento das tecnologias de digitalização, os estudos sobre a formação da cultura brasileira pouco tratavam do objeto livro como mídia, à exceção de pesquisas fragmentadas. Havia apenas o clássico estudo do brasileiro britânico Laurence Hallewell, traduzido e publicado no Brasil na década de 1980, com o título “O Livro no Brasil”. Recentemente, o pesquisador Anibal Bragança ofereceu ao leitor brasileiro um estudo intitulado “Impresso no Brasil”, laureado com o Prêmio Jabuti, em 2011.

Pesquisadores de diferentes campos de estudo estão debruçados sobre esses novos sistemas de troca de informação e intercâmbio do conhecimento. Nos estudos dedicados as questões do livro, em particular para o entendimento desse objeto como suporte midiático, são abordados, entre tantos outros, o tema dos dispositivos eletrônicos; dos problemas ontológicos ligados à relação homem-máquina; da existência de um novo espaço para as narrativas literárias e as das competências exigidas por esse novo modo de produção.

A digitalização força a indústria editorial a buscar por novas competências para lidar com os processos de diluição das fronteiras materiais do conteúdo, decorrentes da convergência dos meios. Há uma proliferação de eventos voltados para o fazer editorial, que tornou-se tema de seminários, congressos e cursos periódicos. Entretanto, nesse processo de redefinição, ainda não se conseguiu explorar as novas oportunidades de realização plena do potencial da digitalização. Os formatos utilizados hoje (PDFs, ePubs, para citar os mais conhecidos) são de fato os incunábulo<sup>4</sup> do livro digital.

Qual o lugar do livro, diante dessas novas mídias? Trata-se, aqui, de olhar as questões contemporâneas do livro, as formas de organização da informação e a da

---

<sup>4</sup> Incunábulo é o [livro](#) impresso nos primeiros tempos dos [tipos móveis](#). Refere-se a obras impressas entre [1455](#), data aproximada da publicação da [Bíblia de Gutenberg](#), até [1500](#). Essas obras imitavam os manuscritos. Assim, demorou-se 50 anos para que o livro impresso passasse a ter características próprias.

construção do conhecimento. Não se trata meramente um processo de transposição do impresso para o digital, ou seja, não tão somente um fenômeno tecnológico. Novas formas de comunicação estão em cena modificando as relações sociais, revelando novas linguagens.

### **Vertentes históricas Perspectivas teóricas**

Nos últimos anos vários são os deslocamentos observados pelas ciências sociais. Nesse sentido, um importante debate é realizado na pesquisa de Stuart Hall (2002), sobre a fragmentação das identidades culturais. Entre outras reflexões, esse estudo discorre sobre a questão do deslocamento das noções de tempo e espaço dentro do processo de globalização, onde é identificada uma compressão desses conceitos. O pesquisador afirma, então, que em sistemas de representação, tais como a escrita, a pintura e a fotografia, tempo e espaço são coordenadas básicas, a exemplo da estrutura de narrativas lineares (com começo, meio e fim). Argumenta, por fim, que diferentes épocas têm diferentes formas de combinar essas coordenadas.

Já nos estudos de mídia comparada, Henry Jenkins (2008) propõe uma nova análise para a compreensão do atual cenário na comunicação. Em oposição aos estudos que apostam nas tensões entre novas e velhas mídias, o autor privilegia o fluxo de conteúdos por diferentes sistemas de comunicação e apresenta o conceito de Cultura da Convergência. Jenkins, na sua construção, recorre à observação de movimentos migratórios do leitor/público-espectador de uma mídia para outra, em busca de novas experiências de entretenimento. A convergência não é entendida aqui como um processo tecnológico, mas como uma transformação cultural, decorrente da busca por mais informações e da necessidade de associar conteúdos dispersos.

Segundo Jenkins, “a convergência ocorre dentro dos cérebros dos consumidores e em suas interações sociais com outros” (JENKINS, 2008, p. 28), e não dentro de dispositivos eletrônicos, por meio de aparelhos, por mais sofisticados que eles sejam. Para ele, a cultura da convergência, a cultura participativa e a inteligência coletiva (LEVY, 1998) são três conceitos relacionados. Atuam sobre as práticas comunicacionais, contrapõem-se, segundo à teoria crítica, à posição de “passividade” do receptor na comunicação de massa.

A cultura participativa, afirma Jenkins, é uma evolução da interação em rede, em contraste com a posição de passividade do espectador diante de meios de comunicação identificados com a produção em massa. Consumo e produção, antes separados, agora fazem parte de um único sistema, com regras que ainda não foram definidas devidamente. Assim, a criação passa a atuar através da associação de recursos e habilidades, com as novas e as antigas mídias interagindo de forma cada vez mais complexa, gerando novas maneiras de contar história, que estão mudando a nossa forma de se divertir, trabalhar e estudar. Ou seja, nossa cultura.

Para entendimento do conceito de cultura, visto por áreas distintas do conhecimento a partir de modelos próprios, esta abordagem traz algumas definições sobre o termo. Designada a princípio como pertinente ao domínio da humanidade sobre a natureza, em um dado momento a cultura é entendida como a dimensão simbólica da existência humana. O termo também já foi confundido com educação, um comportamento moral ou uma expressão identificada em um grupo. Essa pluralidade de acepções para o conceito deve-se ao fato de que a palavra traz em seu desdobramento semântico uma mudança histórica da própria existência humana.

Diante da abrangência de sentidos ou da acepção restrita do termo, busca-se um sentido mais apropriado, que apresenta a cultura não como uma disciplina sem importância, mas como uma forma efetiva de intervenção na realidade, tratando sintomas econômicos, sociais e filosóficos, em uma recusa tanto ao determinismo orgânico quanto à autonomia do espírito. Uma definição que rejeita o naturalismo e o idealismo, que coloca a cultura em tensão permanente entre a racionalidade e espontaneidade. (EAGLETON, 2005).

### **Uma breve história da Internet**

A história da Internet é reproduzida nos mais diversos estudos sobre as TIC, cujos desdobramentos são observados por campos distintos do conhecimento. Mesmo correndo o risco de ser redundante, é necessário percorrer alguns dos acontecimentos que convergiram para esse advento. Não apenas para reconhecimento dos fatos, mas sobretudo para uma reflexão crítica sobre sua origem, seu desenvolvimento e, mais à frente, a sua prática.

Na conjugação dos inventos e personagens relacionados ao desenvolvimento da estrutura inicial da Internet e às inovações geradas pelo seu uso, essa história é narrada, via de regra, a partir da criação da Arpanet, a primeira rede de comunicação por computadores. Inicialmente, a Internet avançou em universidades e instituições de pesquisa. Em um primeiro momento, de uso essencialmente acadêmico, a comunicação era estabelecida através de um monitor monocromático, de fundo escuro com letras verdes e brilhantes. Cerca de 20 anos depois, com a invenção da Web, as redes ganharam popularidade, tornando-se hoje quase onipresentes.

As ideias que deram origem a essa tecnologia foram expressas por cientistas e tecnólogos da computação, alguns anos antes da construção da Arpanet, na *Advanced Research Projects Agency (ARPA)*, agência do Departamento de Defesa dos Estados Unidos, criada em 1958 para a realização de pesquisas avançadas, que pudessem responder à supremacia tecnológica da então União Soviética, alcançada com o lançamento do Sputnik I, em 1957. O desenvolvimento da computação interativa ganhou impulso em 1962, no *Information Processing Techniques Office (IPTO)*, um departamento da ARPA, liderado inicialmente por Joseph Licklider, pesquisador vindo do Massachusetts Institute of Technology (MIT), aonde propagava a sua concepção de uma rede global de comunicação, referida por ele como uma rede intergaláctica.

A ideia de uma rede global de comunicação por computadores influenciou sucessores de Joseph Licklider, que deram sequência ao projeto de construção de uma rede de pesquisadores, a Arpanet. A primeira transmissão realizada com sucesso aconteceu em outubro de 1969. Os dados percorreram quatro nós (redes de computadores), localizados na Universidade da Califórnia (UCLA), em Los Angeles e em Santa Barbara, na Universidade de Utah e no Stanford Research Institute (SRI).

Ao ser estabelecido um protocolo padrão de transmissão, outras redes foram desenvolvidas por universidades, centros de pesquisa e governos nos anos seguintes. Foi quando, então, o Departamento de Defesa dos Estados Unidos, preocupado com a segurança das informações, criou uma rede de uso militar exclusivo, a Milnet (1983). A Arpanet torna-se a ARPA-Internet, dedicada exclusivamente à pesquisa acadêmica.

### **Word Wide Web – a teia do tamanho do mundo**

Entre outras figuras pioneiras da Internet, o nome de Theodor Nelson é citado como exemplo da presença de uma contracultura naquele ambiente. Ele foi o primeiro a usar o termo hipertexto em seu manifesto *Computer Literary Machine* (1963). Com base nesse conceito, desenvolveu seu mais conhecido e polêmico projeto, *Xanadu*, um sistema colaborativo, que criaria uma biblioteca universal de artes e humanidades. Mas, como ele mesmo declara em entrevista publicada anos depois, esse foi um de seus “projetos inacabados”.<sup>5</sup>

Entretanto, a origem do conceito de hipertexto é atribuída a um artigo intitulado *As we may think*, escrito por Vannevar Bush<sup>6</sup>, em 1945. Em uma crítica aos modelos de indexação, de classificação hierárquica, oposto ao modelo associativo próprio do pensamento, o cientista americano propõe um dispositivo inspirado na extensão da memória humana, o sistema *Memex* (*Memory Extender*). Mas foi Theodor Nelson quem primeiro usou o termo. (LÉVY, 1993, p. 28-29).

Outras definições seguiram-se ao longo dos anos. Pierre Lévy, por sua vez, descreve o hipertexto como “[...] um tipo de programa para a organização de conhecimentos ou dados, ou a aquisição de informações e a comunicação”. Tecnicamente, hipertexto é o texto que contém hiperlinks (conexões) para outros arquivos de dados. Os hiperlinks estão associados a palavras, expressões ou até mesmo frases que permitem o deslocamento da leitura para partes determinadas. (LÉVY, 1993, P.33).

Em 1989, o físico inglês Timothy Berners-Lee apresentou ao *Centre Européene pour Recherche Nucléaire* (CERN) um esquema de gerenciamento de informações em ambiente de rede<sup>7</sup>. Baseado no conceito de hipertexto, Berners-Lee desenvolveu o *Hypertext Transfer Protocol* (HTTP) ou protocolo de transferência de hipertextos, para ordenar a distribuição e facilitar a localização de documentos, que também ganhou o recurso de identificação de páginas conhecido hoje como *Uniform Resource Locator* (URL).

---

<sup>5</sup> Fonte: Wolf, G. "The Curse of Xanadu", revista *Wired*, junho de 1995 . Disponível em [http://www.wired.com/wired/archive//3.06/xanadu\\_pr.html](http://www.wired.com/wired/archive//3.06/xanadu_pr.html) - Acesso em 20/10/2014.

<sup>6</sup> Quando escreveu o artigo, Vannevar Bush já era um matemático e físico renomado. Político de relações com o governo e com a comunidade científica norte-americana, Bush ajudou na criação de organizações como a *National Science Foundation* e a ARPA.

<sup>7</sup> Fonte: <http://www.w3.org/History/1989/proposal.html> - Acesso em 7/09/2010.

Em 1990, Berners-Lee acrescentou ao sistema um programa em *Hypertext Markup Language* (HTML), linguagem para a edição dos documentos. A esse conjunto de ferramentas ele deu o nome de World Wide Web (Web). Optando por não patentear o invento<sup>8</sup>, compartilhou os padrões técnicos com os demais cientistas.

A partir das informações divulgadas livremente o estudante Marc Andreessen e o pesquisador Eric Bina, do National Center for Supercomputer Applications (NCSA), desenvolveram uma interface gráfica mais sofisticada e dinâmica, que facilitava a visualização das páginas da Web. O Mosaic, primeiro *browser* ou navegador<sup>9</sup> é disponibilizado para *download*<sup>10</sup> pelo NCSA, em 1993. Começa a expansão da Web<sup>11</sup>, caracterizada pelo crescimento do uso empresarial da Internet.

Andreessen associou-se um ano depois a Jim Clark, fundador da *Silicon Graphics*, na criação da *Mosaic Communications*, mais tarde nomeada *Netscape Communications*. A empresa foi responsável pelo navegador mais popular da Web, até a criação do Internet Explorer, pela Microsoft. A disputa pelo mercado de *browsers* tornou-se histórica, levando a Microsoft a responder por práticas monopolistas, em sucessivos processos que marcaram os primeiros anos da Web. Em 1998, a Netscape tornava-se apenas uma subsidiária da provedora de acesso America Online, encerrando suas atividades em 2007.

### **A cultura na origem da Internet – novos usos e outras apropriações**

Como foi vista até aqui, de forma pontual, a Internet tem uma história de construção coletiva. Pesquisas com motivações políticas, sociais ou culturais decorreram de uma “[...] improvável interseção da *big science*<sup>12</sup>, da pesquisa militar e da cultura da liberdade”. (CASTELLS, 2003, p.19). O projeto de comunicação de

---

<sup>8</sup> Fonte: entrevista publicada pela revista Veja, no suplemento Especial Tecnologia, de julho de 2006. Disponível em [http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia\\_2006/p\\_040.html](http://veja.abril.com.br/especiais/tecnologia_2006/p_040.html) - Acesso 29/11/2009.

<sup>9</sup> Termo popularmente usado para referir-se ao software que permite a visualização ou a navegação das páginas da Web, em substituição ao termo em inglês, browser, mais utilizado por profissionais da informática, que deriva do verbo *to browse* (passar os olhos).

<sup>10</sup> Transferência de arquivos da rede para o computador. A expressão em inglês ganhou uso corrente. Mas já é comum o uso do verbo baixar (o arquivo) em substituição ao estrangeirismo.

<sup>11</sup> Ainda é importante diferenciar os termos Internet e Web, muitas vezes usados como sinônimos. Uma é a infraestrutura da comunicação em rede. A outra, um conjunto de sistemas de informação acessíveis por meio da primeira.

<sup>12</sup> Termo usado para descrever pesquisas científicas e tecnológicas de grande porte, desenvolvidas a partir da II Guerra Mundial, apoiadas por fundos do governo ou de agências internacionais.

infraestrutura descentralizada, concebido de modo que um eventual impedimento em um de seus pontos não inviabilizasse a articulação entre os demais, permitiu o livre compartilhamento das informações, o que impôs o ritmo das inovações apresentadas. Dentro da premissa de aprendizado, produção e reconfiguração pelo seu uso, o resultado das apropriações tecnológicas e sociais, que ocorrem desde a origem da Internet até os dias atuais, está em aberto e continua impondo mudanças importantes. Assim, “a Internet é, acima de tudo, uma criação cultural.” (CASTELLS, 2003, p 32).

Castells apresenta a cultura dos criadores da Internet de forma estratificada, em camadas “hierarquicamente dispostas”, a saber: “a cultura tecnomeritocrática, a cultura hacker<sup>13</sup>, a cultura comunitária virtual e a cultura empresarial”. Estendendo-se sobre a articulação entre essas quatro camadas que estruturaram a cultura da Internet na sua origem, o autor analisa que:

[...] a cultura tecnomeritocrática especifica-se como uma cultura hacker ao incorporar normas e costumes a redes de cooperação voltadas para projetos tecnológicos. A cultura comunitária virtual acrescenta uma dimensão social ao compartilhamento tecnológico, fazendo da Internet um meio de interação social seletiva e de integração simbólica. A cultura empresarial trabalha ao lado da cultura hacker, para difundir práticas da Internet em todos os domínios da sociedade como meio de ganhar dinheiro. (CASTELLS, 2003, p 34-35).

Na interação das várias formas de comunicação (texto, imagem e som), a Web tornou-se multimídia. A comunicação realizada predominantemente por imprensa, rádio e televisão evolui para a interação em rede, em sistemas instantâneos e de múltiplos intercâmbios, a exemplo das pioneiras listas de discussão, das comunidades temáticas, das redes sociais online (Orkut, Face-book, Twitter, Youtube etc), das redes p2p (do inglês *peer-to-peer*, traduzido como par a par); além das ferramentas de informação individualizada, como o RSS (acrônimo de Really Simple Syndication) e dos serviços de mensagens instantâneas, como Skype ou Google Talk, entre outros.

A partir de então práticas sociais coletivas são estabelecidas no espaço das redes. Uma recombinação dos conceitos tempo e espaço, (GIDDENS, 1991) (HALL, 2001) pode ser percebida por essa atividade social na Web, na ótica da compressão do

---

<sup>13</sup> É importante desfazer uma idéia ainda muito disseminada pelos meios de comunicação, em especial pela grande mídia. O hacker é um indivíduo com grande conhecimento técnico e habilidade para o desenvolvimento de sistemas; diferente do cracker, um especialista que age com intenções danosas sobre sistemas alheios.

tempo mensurado pela velocidade de transmissão das informações, que dita o ritmo das demandas e das ações, em favor de um alargamento do espaço, agora mensurado pela quase onipresença da Internet na execução das tarefas do cotidiano.

A Web como descrita acima configura o que o filósofo francês Pierry Lévy chamou de ciberespaço<sup>14</sup>, conceito que designa:

[...] o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores. Essa definição inclui o conjunto de sistemas de comunicação eletrônicos [...], na medida em que transmitem informações provenientes de fontes digitais<sup>15</sup> ou destinadas à digitalização. (LÉVY, 2000, p. 92).

Lévy busca paralelos em autores como Esther Dyson e Alvin Tofler, entre outros, que expressaram em 1994, na “*Carta Magna for the Knowledge Age in New Perspective*” a ideia de ciberespaço “como a ‘terra do saber’, a ‘nova fronteira’ [...]” e “cuja exploração poderá ser, hoje, a tarefa mais importante da humanidade”. (LÉVY, 2000. p.92, apud Dyson & outros, 1994, p. 26-37).

(i) econômicas, para o advento de uma economia do conhecimento, com o desenvolvimento concebido como valorização e otimização das qualidades humanas; (ii) políticas, para uma democracia mais direta e mais participativa, com uma abordagem mais planetária e comunitária dos problemas; (iii) culturais, para a criação coletiva, na junção dos processos de produção, difusão e interpretação das obras. (LÉVY, 2000, p. 208).

As tecnologias digitais absorvidas pela sociedade ganham novas referências<sup>16</sup>. A cultura digital, inserida na cultura contemporânea, traz consigo a herança da produção colaborativa, da comunicação e da distribuição descentralizada, que deram origem a Internet como hoje é conhecida. Realiza-se ao levar conteúdos culturais para os suportes digitais, mas não se trata de mera reprodução. Conteúdos são criados dentro da premissa de aprendizado, de produção e reconfiguração pelo seu uso. Esse

---

<sup>14</sup> O termo já havia sido usado em 1984, por William Gibson, para descrever o universo das redes digitais em seu romance *Neuromante* (LÉVY, 2000).

<sup>15</sup> O conceito de digital remete à linguagem binária, aquela em que toda informação é associada a um código composto dos dígitos zero e um; onde o bit é a menor unidade e o conjunto deles é chamado de bytes, que medem a capacidade das memórias digitais.

<sup>16</sup> O livro *CulturaDigital.BR* reuniu depoimentos de vários pensadores com visões variadas sobre o conceito. Disponível em <http://culturadigital.br/blog/2009/09/26/baixe-o-livro-culturadigital-br> - Acesso em 21/11/2009.

conceito assemelha-se à definição de cibercultura de Pierry Lévy e recebe outras contribuições. Castells define a cultura digital em seis tópicos:

(i) Habilidade para comunicar ou mesclar qualquer produto baseado em uma linguagem comum digital; (ii) Habilidade para comunicar desde o local até o global em tempo real; (iii) Existência de múltiplas modalidades de comunicação; (iv) Interconexão de todas as redes digitalizadas [...] ou a realização do sonho do hipertexto de Nelson; (v) Capacidade de reconfigurar todas as configurações criando um novo sentido nas diferentes camadas dos processos de comunicação; (vi). Constituição gradual da mente coletiva pelo trabalho em rede [...].<sup>17</sup>

No país vocacionado pela miscigenação, discutida nos estudos sociais pautados por Gilberto Freire (1933); pelo movimento antropofágico, de recombinação cultural, promovido por Oswald de Andrade (1928); e pelas abordagens tropicalistas (1968), sobre o rompimento de fronteiras pela via da experimentação, a cultura digital encontra um terreno fértil. Reproduz-se não só quantitativamente; mas, também, pelo seu reconhecimento por parte do governo na primeira década dos anos 2000, na forma de políticas públicas comprometidas com a promoção da diversidade. Naquele período em que esteve à frente do Minc, Gilberto Gil, um tropicalista, definiu cultura digital como:

Novas e velhas tradições, signos locais e globais, linguagens de todos os cantos são bem-vindos a este curto-circuito antropológico. A cultura deve ser pensada nessa dialética permanente entre tradição e invenção, [...] na dimensão simbólica, a dimensão de cidadania e inclusão, e a dimensão econômica. [...] Cultura digital é um conceito novo. [...] O que está implicado aqui é que o uso de tecnologia digital muda os comportamentos [...] cria fantásticas possibilidades [...].<sup>18</sup>

Os campos da comunicação e da cultura passam por fortes transformações. A técnica é transformada sistematicamente em consequência de novas correntes culturais, as receptivas e as não receptivas, a exemplo do já clássico caso da música, no qual nem todo o aparato contra da indústria fonográfica interrompeu o processo de

<sup>17</sup> Depoimento divulgado pelo Fórum Cultura digital.br, apud dossiê publicado pela revista Telos, Fundación Telefónica. Disponível em: <http://culturadigital.br/o-programa/conceito-de-cultura-digital/> - Acesso em 21/11/2009.

<sup>18</sup> Depoimento divulgado no Fórum Cultura digital.br. Disponível em: <http://culturadigital.br/o-programa/conceito-de-cultura-digital/> - Acesso em 21/11/2009.

distribuição digital ou impediu as redes p2p. Pelo contrário, incentivou e continua incentivando novos modelos de distribuição digital, novos modos de ouvir música.

### **As transformações na escrita - Uma comparação a partir dos suportes**

A escrita representou um salto no desenvolvimento humano. Contrapondo-se à tradição oral, permitiu a fixação e a difusão do conhecimento, em sua totalidade, em qualquer tempo e lugar, por meio da representação do pensamento de forma sistematizada.

Por seu uso em diferentes suportes desde a Antiguidade: tábuas de argila, rolos de papiro ou pergaminhos, códices e, mais recentemente, livros impressos e dispositivos eletrônicos, o tema da escrita está ligado, também, a esses artefatos.

A invenção de Gutenberg transformou a escrita e a edição de textos. Até os anos de 1450, só era possível reproduzir um texto à mão. O processo de impressão por tipos móveis, a tipografia, e o aperfeiçoamento da prensa, permitiram a reprodução de um número maior de cópias, em menor tempo e a um custo menor, o que caracterizou a expansão da cultura escrita a partir do século XV. Alguns estudiosos consideram que embora os livros impressos circulem mais entre os mais privilegiados socialmente, ainda assim circulam bem mais do que os códices circulavam. De forma que, “a invenção da tipografia representa sem sombra de dúvida uma verdadeira revolução democrática”, (CARRIÈRE e ECO, 2009, p. 106)

Entretanto, a diferença entre o livro impresso e o códice parece não ter sido tão significativa, como nos mostra o historiador francês Roger Chartier. Ambos são feitos de folhas dobradas, dispostas em sequência e costuradas. O livro também recebeu como herança dos códices toda a sua normatização: páginas, numeração, índice e sumário; além da hierarquia dos formatos<sup>19</sup>, o que caracteriza uma continuidade entre a cultura do manuscrito e a cultura do impresso. Mesmo assim, a “nova” técnica ainda causou estranheza e desconfiança, sendo acusada de romper com a familiaridade entre o autor e o leitor, de colocar em perigo a correção do texto reproduzido de forma mecânica e de torná-lo sujeito a práticas comerciais. (CHARTIER, 2010).

---

<sup>19</sup> Os *In-fólios*, livros de grande porte, com apenas uma dobra, direcionados a estudos teológicos e filosóficos; os formatos médios, dedicados a lançamentos humanistas e a clássicos copiados; e o *libellus*, em formato de bolso, voltado para as preces e, às vezes, para diversão. (CHARTIER, 2010)

Na comparação entre o livro impresso<sup>20</sup> e o livro digital<sup>21</sup>, foi identificada uma estrutura diferente daquela que estamos acostumados, no que refere-se à estrutura encontrada no livro impresso (folhas encadernadas, em papel). Além disso, no livro digital as fronteiras do texto seriam rompidas pelo hipertexto, deixando o leitor mais livre. Contudo, alguns pontos comuns são admitidos, quando a leitura em tela é comparada à leitura praticada na Antiguidade, nos rolos de papiros ou pergaminhos. Para o historiador, o texto agora flui diante dos olhos do leitor do livro digital, tal como nos livros em rolo<sup>22</sup>. Por outro lado, a leitura continua guiada pelas normas dos códices e dos impressos: páginas, índice e recortes do texto. (Ibidem, p. 7-16).

No livro digital, o uso do hipertexto, cujo sentido como concebido por Theodor Nelson permite associar elementos, não está configurado apenas por um clique no botão, mas, pela ideia de criar uma narrativa, multimídia. Assim, além da velocidade de acesso às informações, a diferença entre os suportes (códice, livro impresso ou digital) está, principalmente, nas possibilidades de interferência no texto digital, que reserva os espaços necessários a uma interação, que o livro impresso não permite.

Na comunicação por meios digitais, como nos e-mails e nas trocas de mensagens instantâneas, observa-se também uma variação na escrita, que pela pressa produz abreviações como “vc” e “tb”, no lugar das palavras “você” e “também”, além do uso de símbolos gráficos, os e-emotions, como “;-)”, significando um sorriso e uma piscadela. O que caracteriza uma adaptação da escrita, assim como outras linguagens, também suscetíveis às intervenções por seus usos.

Uma simplificação sobre as mudanças nas formas escritas de comunicação dá uma ideia do ritmo das inovações. Assim, dispostas cronologicamente, dos primeiros sinais da escrita identificados nas antigas civilizações, os hieróglifos<sup>23</sup>, até o códice foram decorridos pouco mais de três mil anos; do códice aos tipos móveis, cerca de

---

<sup>20</sup> O termo impresso continua em uso por falta de um substituto mais adequado para o livro em papel, visto que nos readers (dispositivo de leitura com características próprias, diferente do computador ou dos tablets) o texto também é impresso, mas por tecnologia denominada e-ink ou e-paper (tinta ou papel eletrônico), desenvolvida no final dos anos de 1990, nos laboratórios do MIT.

<sup>21</sup> O livro digital deve ser caracterizado como uma obra, em bases eletrônicas, transmitida pela Internet e lida na tela de um computador ou dos novos dispositivos eletrônicos. Além disso, supõe mais do que a simples digitalização de versão impressa.

<sup>22</sup> Novas tecnologias já permitem tanto a leitura vertical, quanto a leitura horizontal do texto.

<sup>23</sup> O termo é uma transcrição do grego *hieroglyphikós*, derivado de hierós, *que significa sagrado*, e de *glyphos*, linguagem enredada.

mil anos, dos tipos móveis à Internet, 500 anos; da Internet à Web, 11 anos; da Web ao algoritmo de relevância do Google, oito anos. (DARTON, 2010). No escopo dessas transformações, os 500 anos de história do livro não seriam senão parte de uma cultura letrada, centrada no livro como meio de comunicação e de promoção de ideias.

Quanto às discussões sobre a predominância de um ou de outro suporte, a grande parte dos estudos realizados até aqui conclui que o livro impresso será conservado, mesmo dividindo as atenções. O rito da leitura e a intimidade com o papel reforçam esse argumento. (CHARTIER, 1998), (BRIGGS e BURKE, 2006), (CARRIÈRE e ECO, 2009), (DARNTON, 2010).

Por toda a história da comunicação, nenhuma mídia superpôs-se a outra. Mas algumas adaptações são feitas. Assim, como o cinema escolhe o caminho da segmentação, mesmo depois do advento da televisão e de sua digitalização, o rádio, rejeitado com a popularização das TVs, segue reinventado. (BRIGGS e BURKE, 2006). Certamente, o livro passará por transformações tanto em sua forma impressa, quanto a digital hoje disseminada. Mas essa discussão deve ser ultrapassada por que, envolta em exercícios de futurologia, impede que questões mais relevantes avancem.

Particularmente no Brasil, a quase inexistência de uma cultura letrada é historicamente determinada, como constatado nos estudos sobre as eras do rádio e da televisão, que ratificam a hegemonia do audiovisual na comunicação de massa estabelecida no país. Ao capturar a essência do livro de sua forma material, as novas tecnologias reinventam a leitura e revigoram a cultura letrada. Há um incremento da leitura em decorrência da quantidade de informações que a Web oferece e da necessidade de profissionalização que o processo de desenvolvimento do país exige.

## **Referências**

- BARBIER, Frederic. A história do livro. Editora Paulistana 2009
- BARBOSA, Marialva. História da Comunicação No Brasil. Ed. Vozes, 2013.
- BRAGANÇA, Aníbal; ABREU, Márcia. Impresso no Brasil – Dois séculos de livros brasileiros. Ed. Unesp, 2008.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg a Internet*, 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

CARRIÈRE, Jean-Claude e ECO, Umberto. *Não contem com o fim do livro*. Rio de Janeiro: Record, 2010.

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da Internet: reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.

CHARTIER, Roger. *A aventura do livro, do leitor ao navegador*. São Paulo: Editora Unesp e Imprensa Oficial, 2009.

DARTON, Robert. *A questão do livro: passado, presente e futuro*. São Paulo. Companhia das Letras, 2010

EAGLETON, Terry. *A ideia de cultura*. São Paulo. Fundação Editora Unesp, 2003.

GOODY, Jack; WATT, Ian. *As consequências do letramento*. Editora Paulistana, 2006

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*, 7ª ed. Rio de Janeiro: DP&A

HALLEWELL, Laurence. *O livro no Brasil*, 3ª ed. São Paulo: Edusp, 2012

JENKINS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo, Aleph, 2008.

LÉVY, Pierry. *Cibercultura*, 2ª ed. São Paulo: Editora 34, 2000.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. *Dos meios às mediações: comunicação cultura e hegemonia*, 6ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

PRIMO, Alex (Org.). *Interações em rede*. Porto Alegre. Editora Sulina, 2013.

SAVAZONI, Rodrigo; COHN, Sergio (Orgs.). *Cultura digital.br*. Rio de Janeiro: Ed. Beco do Azougue, 2009.

FRAGOSO, Suely; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. *Métodos de pesquisa para internet*. Porto Alegre: Sulina, 2011.